Opinião socialista

PSTU

Ano VIII Edição 157
De 22/08 a 03/09/2003
Contribuição: R$ 2,00

LIBERDADE PARA JOSÉ RAINHA

PRESO POLÍTICO NO GOVERNO LULA

LIDERANÇAS DA GREVE DO FUNCIONALISMO DEFENDEM NECESSIDADE DE NOVO PARTIDO

DEBATE NO RIO REUNIU LIDERANÇAS DA GREVE DO FUNCIONALISMO. MAIS DE 400 ATIVISTAS DISCUTIRAM A NECESSIDADE DE UM NOVO PARTIDO E LANÇARAM UM MANIFESTO.

PÁGINAS 6 e 7

COMUNICAÇÕES

A VERDADE SOBRE ROBERTO MARINHO

PÁGINA 8

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

A LUTA CONTRA A PEC-40 CONTINUA

PÁGINA 5

ALCA

DE 1 A 7 DE SETEMBRO, MUTIRÃO PELO PLEBISCITO OFICIAL

COLETE ASSINATURAS, PARTICIPE DO GRITO DOS EXCLUÍDOS E MONTE CARAVANAS PARA A ENTREGA DOS ABAIXO-ASSINADOS EM BRASÍLIA, NO DIA 16.

PÁGINA 3

O QUE SE DISSE

"Posso avisar que neste país ninguém faz reforma agrária nem na marra nem no tapa."

LULA,
em entrevista à revista Veja

NOTAS

FLASH MOB 'POLITIZADA'

Um dos mais recentes modismos alimentados pela Internet acaba de chegar ao país. São as "*flash mobs*" (multidões relâmpagos). No hemisfério norte, a idéia é de pura diversão: alguém anuncia pela rede um local e um horário em que as pessoas deverão se reunir para fazer uma coisa absurda (invadir uma loja aos gritos, por exemplo).

Em São Paulo, na quinta-feira passada, centenas de pessoas atravessaram a Av. Paulista, batendo seus sapatos no chão. Entre eles, um grupo significativo portava cartazes onde se lia "*Contra-burguês, baixe MP3*" (os programas gratuitos com músicas), numa clara e bem-vinda referência a nosso slogan eleitoral.

MARINHO E O PCCS

Na manifestação do dia 19 em Brasília, os mais de 15 mil manifestantes mais uma vez vaiaram Luiz Marinho, presidente da CUT. E mais uma vez, ele se destemperou e passou a atacar o PSTU.

Desta vez, além de atacar o PSTU (coisa que já não cola, na medida em que as vaias são gerais, irrestritas, espontâneas), cometeu outra gafe. Ao ver centenas de servidores com camisetas e bandeiras com a inscrição PCCS, dirigiu-se a eles como se fossem de algum partido com tal sigla. Disse: "*vocês do PCCS um dia ainda vão crescer, estão divididindo os trabalhadores...*"

É incrível o grau de alienação do presidente da CUT em relação às lutas dos servidores, a ponto de confundir o Plano de Cargos e Salários com um partido.

29 DE AGOSTO: DIA DA VISIBILIDADE LÉSBICA

Embora se tente afirmar que vivemos em uma sociedade democrática, onde existe igualdade de direitos e oportunidades, a mulher lésbica sabe que a coisa não é bem assim. Ela é duplamente oprimida e explorada.

Até hoje, apesar da intensificação das lutas por direitos, as lésbicas não conseguiram incorporar suas reivindicações específicas nem no movimento feminista nem no movimento gay. Diante disso, lésbicas do mundo inteiro estão se organizando e tomando as ruas para lutar pela "visibilidade lésbica".

A escolha do dia 29 de agosto se deve ao fato desta data ser um dos principais marcos da organização do movimento lésbico no país e, este ano, serão realizados atos nas principais cidades brasileiras. Entre em contato com a sede do PSTU e informe-se em como participar desta luta.

EDITORIAL

Unificar as lutas contra o projeto do FMI, da burguesia e do governo

Numa única semana, o presidente Lula foi ao Fantástico, deu entrevista exclusiva à revista Veja e fez pronunciamento oficial em rede nacional de rádio e televisão.

Tal atitude, tem como objetivo reagir ao desgaste e à crise que começa a bater na sua porta. Aproveitando-se da vitória que teve junto à burguesia com a aprovação em 1º turno da reforma da Previdência, o governo tenta a um só tempo pedir mais paciência aos trabalhadores, dizendo que vai resolver as aflições sociais e sinalizar para a burguesia que "é forte", capaz de conter as lutas e os movimentos sociais e manter a "ordem".

A verdade, porém, é que o governo vê-se acossado por divisões e disputas interburguesas de um lado e também vê que está havendo erosão no apoio popular.

A burguesia, afora interesses eleitorais que tem levado setores como o PSDB e PFL elevarem o tom, quer antes que nada que o governo evite na base da cooptação ou do porrete uma onda de lutas, que possa colocar em xeque seus interesses e, sobretudo, seus "contratos" e propriedades. No objetivo de contenção das lutas, retirada de direitos e maior exploração da classe trabalhadora a burguesia está unida e apóia o governo. Também tem acordo no atacado com o projeto de FHC e do FMI que Lula segue aplicando. Mas, no varejo, a burguesia não tem nenhum acordo entre si e cada fração quer puxar o governo e seu projeto para o lado que a favoreça.

Daí, a gritaria do empresariado com os juros altos e com a recessão (daí talvez as pressões e "boatos" de possível demissão de Pallocci). As burguesias regionais, por sua vez, por trás de governadores e prefeitos, que no atacado defendem a Lei de Responsabilidade Fiscal do FMI, na hora H engalfinham-se na briga por recursos. A centralização dos recursos e receitas dos impostos na União, bem como o aumento permanente da carga tributária sobre os trabalhadores e a classe média, garantia do pagamento das dívidas, desde os idos de Malan, esgarçou o pacto federativo. Os governadores, portanto, defendem o acordo com o FMI, mas, ao mesmo tempo, cada um deles quer mais verbas e brigam uns contra os outros e com o governo central. Os banqueiros até que não têm do que reclamar, mas junto com o resto temem "desordem". E o latifúndio, além de não querer reforma agrária, está quase emplacando a liberação total ou disfarçada dos transgênicos.

Nessa toada, cada um vai brigando por arrancar um naco maior do bolo que cada dia é menor. E o governo, comprometido até o fim com o FMI e com a classe dominante, vai "administrando" tais pressões arrancando mais dos pobres para dar aos ricos.

É assim, que enquanto "economizou" R\$ 40 bi do orçamento em 6 meses para pagar juros, está confiscando a aposentadoria dos servidores. Enquanto está destinando R\$ 162 milhões para a reforma agrária, o que não dá para assentar nem 15 mil sem-terra –; numa canetada renunciou a R\$ 342 bilhões em impostos para as montadoras (Volks, GM e cia). Enquanto tenta contentar governadores, quer perpetuar a CPMF e além de tudo desvincular sua receita da saúde e do fundo de combate à pobreza.

Como nem tudo isso satisfaz plenamente a todos do imperialismo e da classe dominante, já que, por exemplo, se o governo atender todos os governadores arrebenta as metas que acordou com o FMI, ou se atender todo o empresariado também; ele vai tentar acalmá-los com mais exploração dos trabalhadores. Por isso, está na Câmara um Projeto de Lei que regulamenta o trabalho temporário que, em si, é um escândalo e um golpe tremendo nos direitos trabalhistas. É por isso também, que a reforma trabalhista está sendo gestada em passo acelerado.

Chega de paciência. É hora de luta unificada.

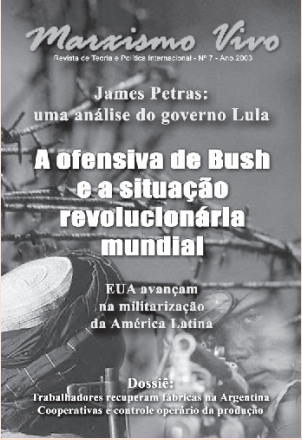
Para os trabalhadores, o governo não tem nada a oferecer. Pelo contrário, segue pedindo paciência, enquanto a cada dia favorece mais a burguesia. A burguesia, por sua vez, clama por "ordem" e, ao mesmo tempo, arma seu espetáculo da exploração.

Aproxima-se a data base de categorias importantes (bancários, petroleiros, químicos, metalúrgicos). A patronal, porém, não quer repor sequer as perdas inflacionárias. A burguesia industrial está demitindo, quer flexibilizar ainda mais direitos e arrochar os salários. Os sem-terra estão sendo vítimas da truculência e violência de latifundiários e governadores, com total conivência do governo Lula. Os servidores, em luta, têm sido reprimidos e estigmatizados.

Por emprego, salário e terra! Que Lula rompa com a ALCA, o FMI e a burguesia

Por emprego, salário, terra e direitos é necessário ir à luta unificada por um programa dos trabalhadores. Exigir aumento geral e real de salários, redução da jornada sem redução salarial, assentamento imediato das 130 mil famílias acampadas, retirada da PEC-40 e não privatização da Previdência, não à reforma trabalhista do capital, direitos para todos os trabalhadores e um plano de obras públicas que gere empregos para todos. Para tanto, o governo deve romper com o FMI, não pagar as dívidas, romper as negociações da ALCA e convocar um Plebiscito Oficial.

É hora de exigir que Lula expulse do governo os ministros burgueses e governe para os trabalhadores, apoiando-se na sua mobilização. Nesse sentido, é positivo que os movimentos – incluindo a CUT – estejam convocando manifestações para o dia 13 de setembro.

Entretanto, não é aceitável que, por exemplo, os sindicatos dirigidos pela Articulação na CUT queiram reivindicar menos que a reposição integral da inflação á patronal, como queriam fazer na entrega da pauta dos metalúrgicos á Fiesp: quando propuseram reivindicar a média da inflação dos últimos meses.

Também é errado que todos os movimentos sociais – incluindo o MST – se calem diante da reforma da previdência, bem como digam que o governo defende os movimentos sociais contra os ataques da direita, quando o governo não apenas lava as mãos diante de um escândalo monumental como a prisão de Zé Rainha e, quando vai á TV, dizer que a reforma agrária não será feita nem na marra, nem no tapa, que "esse país tem ordem, tem lei" e que discorda da proposta de reforma agrária do MST.

Também não é nosso caminho levar propostas para serem debatidas no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, fórum do empresariado, dos banqueiros e do latifúndio, antro de sonegadores do INSS que legitimaram a privatização da Previdência.

Devemos ganhar as ruas todos juntos para exigir emprego, salário, terra, direitos e ruptura com a ALCA e o FMI.

SUMÁRIO

MARXISMO VIVO

A sétima edição da revista **Marxismo Vivo** traz como destaques uma análise do governo Lula, assinada pelo intelectual norte-americano James Petras e artigos avaliando a nova ofensiva de Bush, pós Guerra do Iraque e a situação revolucionária mundial. Adquira seu exemplar com quem lhe vende o jornal.

EXPEDIENTE

Opinião Socialista **é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado**
CNPJ 73.282.907/0001-64
Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Loefgreen, 909 - Vila Clementino
São Paulo - SP- CEP 04040-030
e-mail: ***opiniao@pstu.org.br***
Fax: (11) 5575-6093

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

CONSELHO EDITORIAL
Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, Eduardo Almeida, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates 'Mancha', Nando Poeta e Valério Arcary

REDAÇÃO
André Valuche, Luiza Castelli, Rodrigo Ricupero, Wilson H. Silva

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Gustavo Sixel

FOTOGRAFIA
Alexandre Leme, Ana Luisa Martins, Sérgio Koei
Fotos de capa: Samuel Tosta, Diego Cruz

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Álvaro Binachi, Ana Rosa Minutti, Cilinha Garcia, Diego Cruz, Emanoel Oliveira, Fabiana Borges, Jocilene Chagas, José Erinaldo Junior, Luciana Candido, Ruy Braga

IMPRESSÃO
GazetaSP - Fone: (11) 6954-6218

ASSINATURA

DE 1º A 7 DE SETEMBRO, VACINE-SE CONTRA A ALCA!

NO BRASIL, É HORA DE ACELERAR A COLETA DE ASSINATURAS PELO PLEBISCITO OFICIAL, EM UMA SEMANA DE MOBILIZAÇÕES QUE TERÁ SEU AUGE NO GRITO DOS EXCLUÍDOS. EM TODO O CONTINENTE AMERICANO, CONTINUA A LUTA PARA BARRAR A ALCA

LUIZA CASTELLI,
da redação

Durante a semana de 1º a 7 de setembro, haverá um grande mutirão de coleta de assinaturas pelo Plebiscito Oficial sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca). A orientação do Comitê Nacional da Campanha é para que, com o tema "*Vacine-se contra a Alca*", sejam montadas barracas com o abaixo-assinado em praças, locais movimentados (como estações rodoviárias e saídas de Metrô), escolas, igrejas, associações de bairro, etc.

No último dia de coleta de assinaturas, 7 de setembro, também serão realizados atos do Grito dos Excluídos nos estados. O abaixo-assinado será entregue em Brasília dia 16, após a Plenária Nacional da Campanha.

Recolher o maior número possível de assinaturas e participar no Grito dos Excluídos são atividades fundamentais para fortalecer a campanha que exige do governo brasileiro a retirada imediata das negociações da Alca e a realização do Plebiscito Oficial até o final do ano. Ainda mais porque o governo Lula tem dado mostras de que está mesmo decidido a se submeter às exigências dos EUA e desconsiderar o resultado da consulta popular realizada em 2002, que deixou muito claro que a população brasileira não quer a entrada do país na Alca.

O governo brasileiro aceitou participar da Cúpula Ministerial, em novembro, e da Cúpula Presidencial, em dezembro. Essas reuniões pretendem acelerar as discussões sobre a Alca e garantir sua implementação em 2005. Além disso, o governo Lula mantém sigilo sobre os termos do acordo, acatando a imposição dos EUA para que o conteúdo das discussões não fosse revelado à população dos países.

Também a Direção Nacional do PT deu as costas para a "vontade popular" que diz defender: quer que o governo apenas "considere a possibilidade" de um "plebiscito" no final das negociações, ou seja, quando o máximo que se poderá fazer será referendar ou não um fato consumado.

Por isso, esse é o momento de intensificar a Campanha contra a Alca e unificá-la às manifestações que acontecem em outros países da América. Os militantes e simpatizantes do **PSTU** devem continuar na linha de frente dessa mobilização! ■

PRÓXIMAS ATIVIDADES DA CAMPANHA

SETEMBRO

1º a 7 - Coleta de assinaturas pelo Plebiscito Oficial sobre a Alca

7 - Grito dos Excluídos

9 - Ação Mundial contra as negociações da OMC

10 a 14 - Jornada de Mobilização contra a Reunião Ministerial de negociações da OMC (Cancún, México)

14 e 15 - Plenária Nacional da Campanha contra a Alca (Brasília)

16 - Ato de entrega do abaixo-assinado (Brasília)

OUTUBRO

4 a 11 - Consulta Popular sobre a Alca, Dívida Externa e Militarização (Argentina)

12 - Grito dos Excluídos Continental/ Dia da Resistência dos Povos (Todos os países)

12 - Consulta Popular sobre a Alca (Equador)

NOVEMBRO

3 a 18 - Mobilizações contra a militarização (Todos os países)

7 a 9 - Acampamento contra a Alca

19 a 21 - Jornada de mobilização contra a reunião de ministros que negociam a Alca (Todos os países)

23 - Semana pela Paz e Desmilitarização (Miami, EUA)

DEZEMBRO

3 a 10 - Jornada Mundial de Ação pelos Direitos Humanos e contra o Pagamento da Dívida (Todos os países)

Entidades pedem ao Senado aprovação do Plebiscito

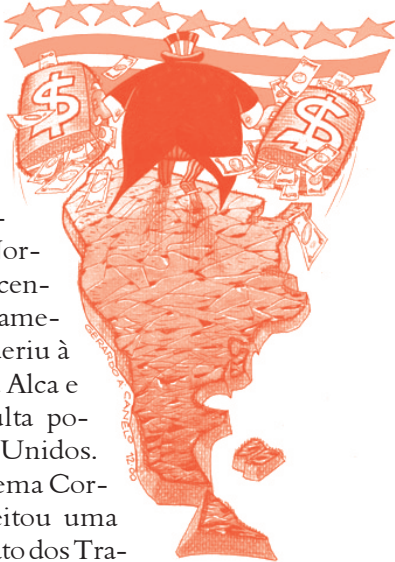
Está em tramitação no Senado Federal um projeto de Plebiscito Oficial sobre a Alca, encaminhado pelo senador Roberto Saturnino Braga. O PDL 71, de 19 de abril de 2001, aguarda um parecer da senadora Ideli Salvatti. Para pedir que a senadora dê um parecer favorável, o Comitê Nacional da Campanha contra a Alca elaborou um texto, que pode ser assinado por entidades ou pessoas físicas.

O texto afirma a necessidade de consultar a população brasileira sobre a Alca e critica a permanência do governo brasileiro nas negociações, consideradas como antidemocráticas. O documento retoma o resultado da consulta popular realizada em 2002, na qual 9,5 milhões de pessoas se manifestaram contra a implementação da Alca. E reivindica que o Plebiscito Oficial seja realizado antes do final de 2003, quando as negociações da Alca entram em sua fase final.

A íntegra do texto está disponível no site do **PSTU** (*www.pstu.org.br*) e deve ser enviado para o e-mail: *ideli.salvatti@senadora.gov.br* ou por fax, para 0xx61 311-2880.

Luta contra a Alca é continental

Em todo o Continente Americano continua a mobilização contra a implementação da Alca, inclusive com a participação de países do hemisfério Norte. Recentemente, a central sindical norte-americana AFL-CIO aderiu à Campanha contra a Alca e iniciou uma consulta popular nos Estados Unidos. No Canadá, a Suprema Corte daquele país aceitou uma denúncia do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios contra o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), considerado como inconstitucional.

A próxima atividade internacional é a realização de atos contra a Cúpula Ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), que acontece de 9 a 13 de setembro.

Marcha das Margaridas: todas a Brasília

ANA ROSA MINUTTI,
da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

No dia 26 de agosto, estará acontecendo a segunda edição da Marcha das Margaridas. Estão sendo esperadas em Brasília 50 mil mulheres trabalhadoras rurais de todo o país. Esta Marcha tem um significado muito importante para a luta dos trabalhadores, pois acontece em um momento em que Lula continua pagando a dívida externa, fazendo as reformas do FMI – como a previdenciária – e com isso não atende as reivindicações dos trabalhadores do campo e da cidade e ataca os seus legítimos métodos de luta. Por outro lado, as trabalhadoras e os trabalhadores do campo e da cidade estão mostrando o caminho: intensificar a luta por terra e nas cidades por moradia. Só a luta muda a vida.

Este ano, a Marcha das Margaridas irá reivindicar terra, água, salário mínimo digno, direito à saúde pública com assistência integral à mulher e combate à violência sexista e todas as formas de violência no campo.

A Marcha é uma homenagem a Margarida Maria Alves, ex-presidenta do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, Paraíba/PB, assassinada em 1983, a tiros, na porta de sua casa, diante do marido e dos filhos, a mando dos usineiros do grupo da Várzea. A impunidade dos assassinos tem reforçado a ação dos coronéis e dos latifundiários na Paraíba, que continuam perseguindo, seqüestrando, torturando e assassinando lideranças que lutam por seus direitos. ■

Acampamento Santo Dias: um balanço necessário!

EMMANUEL OLIVEIRA,
de São Bernardo do Campo (SP)

No dia 19 de julho, cerca de 300 famílias do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) ocuparam um terreno de 200 mil metros quadrados da antiga fábrica da Volks Caminhões na região do ABC paulista. Chamados por um carro de som, desempregados, mães de família que não tinham como sustentar seus filhos, pessoas idosas com seus netos, portadores de deficiência física, moradores de rua e aqueles que viviam em casa de parentes - famílias inteiras sem perspectiva de moradia - formaram um grande acampamento.

Foram 20 dias de intensa mobilização e batalha jurídica para garantir o direito à moradia. Ao final, o acampamento Santo Dias já tinha 3.500 pessoas cadastradas, segundo dados da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano de São Paulo).

ALCKMIN PREPAROU UMA OPERAÇÃO DE GUERRA PARA DESOCUPAR

Dia 9 de agosto, à meia noite, a tropa de choque foi "fazer cumprir" a liminar de reintegração de posse dada à Volks. A avenida de acesso ao acampamento foi fechada por barreiras da polícia. Mais de mil homens fortemente armados, com atiradores de elite, cavalaria, cães, Tropa de Choque com todo tipo de bombas e armamento pesado e helicóptero sobrevoando a área, compuseram o mega dispositivo de guerra.

Os sem-teto, orientados por sua direção, saíram sem resistência. Alguns caminhões que os transportaram foram desviados pela polícia que os despejou na estrada e espancou brutalmente mulheres, crianças e idosos.

O PAPEL DA DIREÇÃO: PACIFICAR O MOVIMENTO E PRESERVAR O GOVERNO FEDERAL

A direção do MTST se esforçava para convencer os acampados de que não deveriam resistir, mesmo com um setor disposto a fazê-lo. Esta orientação desarmou o movimento, que saiu sem nenhuma perspectiva. Um dirigente saiu com o carro de som no acampamento dizendo que não era para resistir. A não-resistência foi uma opção da direção, que tinha esperanças de que o governo federal solucionasse o conflito. O principal dirigente, Jota, dizia que não poderia brigar com o PT porque este era um aliado. Só que o governo federal e as cinco prefeituras do PT na região não mexeram uma palha para solucionar o problema.

A responsabilidade pela desocupação deveria ser do governador e do prefeito, e não da direção do movimento. O pior é que saíram do terreno sem a garantia de ter outro lugar para ir. Foram para a prefeitura, de onde foram novamente desalojados. Terminaram passando a noite na Praça Matriz. Um sem-teto, indignado, disse: "*Somos sem-teto, não mendigos de praça*".

PODERIA SER DIFERENTE

A luta dos sem-teto poderia ser diferente se a direção desse outra condução ao movimento. Era necessária a unificação da luta por moradia com a luta contra as demissões dos metalúrgicos e com a greve dos servidores contra a reforma da Previdência, para exigir de Alckmin, mas também de Lula, moradia digna, trabalho, emprego e uma Previdência pública para todos.

FOTO ALEXANDRE LEME

Ato em São Gabriel reúne cinco mil

LUCIANA CANDIDO,
de São Gabriel (RS)

Cerca de cinco mil pessoas participaram, dia 16 de agosto, da manifestação pela reforma agrária organizada pelo MST e pela CUT em São Gabriel (RS). O objetivo era receber os sem-terra que estavam em marcha desde 10 de junho em direção à região, onde ocorreria um dos maiores assentamentos do estado.

Entretanto, o Supremo Tribunal Federal suspendeu a desapropriação dos mais de 13 mil hectares da família Southall.

Os ruralistas da região, organizados no movimento *Alerta Rio Grande* - liderado pelo prefeito de São Gabriel, Rossano Gonçalves (PDT) -, conseguiram liminar proibindo qualquer manifestação na cidade. Em função disto, o MST e a CUT optaram por fazer o ato em uma propriedade "emprestada", onde os integrantes da marcha acamparam. Afastado tanto do centro da cidade quanto da fazenda, o ato não teve a repercussão pretendida.

O **PSTU** esteve presente, denunciando o caráter reacionário do Ministério de banqueiros e latifundiários do governo Lula e afirmando que reforma agrária só sai com ocupação.

INDYMEDIA BRASIL

No retorno a Porto Alegre, o ônibus em que se encontravam militantes do **PSTU** e independentes foi atacado com tiros, pedras e rojões ao passar pelo acampamento dos ruralistas (foto acima). Um estudante da UFRGS ficou ferido. O **PSTU** repudia tal ação e exige apuração do fato e punição dos responsáveis.

Abaixo a homofobia!

FABIANA BORGES, da Sec. Nacional GLBT do PSTU e **JOSÉ ERINALDO JÚNIOR,** da Executiva da União Nacional dos Estudantes

Em 8 de agosto, a sede do Centro Acadêmico dos Estudantes de Engenharia da USP-São Carlos (CAASO) foi palco de um lamentável show de homofobia.

Acontecia a festa "Transnel", que tradicionalmente faz parte da programação do ENEL (Encontro Nacional de Estudantes de Letras). No início do evento, quando começava um concurso de *drags*, a diretoria do CAASO, ao perceber que se tratava de uma festa com temática gay, subiu ao palco e ordenou que a banda começasse a tocar.

Membros da organização do ENEL subiram ao palco protestar, mas foram retirados à força pelos seguranças. A diretoria do CAASO e alguns estudantes da USP também agrediram física e moralmente os homossexuais.

Enfim, o que era para ser um evento contra a homofobia e pela livre expressão sexual e artística acabou se transformando num episódio vergonhoso para todo o movimento estudantil. Acreditamos que todos que lutam por uma sociedade justa, igualitária e livre têm a tarefa de denunciar este lamentável incidente.

Moções de repúdio podem ser enviadas pelo fax (16) 271-9699.

Cortejo fúnebre no aniversário da Unesp Bauru

FOTOS DIEGO CRUZ

DIEGO CRUZ,
de Bauru (SP)

Há 15 anos, em 14 de agosto, a então Universidade de Bauru era encampada pela Unesp. A direção do campus de Bauru realizou uma solenidade para comemorar a data e "convocou" os membros dos conselhos, bem como os diretórios e centros acadêmicos, que compareceram em peso ao evento. Porém, a exigida "roupa de gala" foi trocada por camisas pretas e a entrada se deu num cortejo fúnebre. Os estudantes velaram um caixão que representava os 15 anos da falta de uma política de assistência estudantil e a exclusão que isso provoca.

Na platéia estavam representantes de diversos campi, que testemunharam a manifestação silenciosa dos alunos. Após a abertura oficial da solenidade, os estudantes entraram com faixas e cartazes denunciando o descaso com a universidade, um caixão foi posto em frente da platéia. O cinismo e hipocrisia da festa ganharam, desta forma, cores de realidade.

LUTA CONTRA A 'REFORMA' DA PREVIDÊNCIA CONTINUA

DIA 19, 15 MIL SERVIDORES VOLTARAM A REALIZAR MANIFESTAÇÃO EM BRASÍLIA. "REFORMA" AINDA IRÁ A 2º TURNO NA CÂMARA E TERÁ QUE PASSAR POR DOIS TURNOS NO SENADO

MARIÚCHA FONTANA,
da redação

Quando fechávamos esta edição, dia 19, os servidores acabavam de realizar mais um ato de milhares em Brasília. Mais de 15 mil tomaram a Esplanada dos Ministérios em passeata até o Congresso, protestando e exigindo a derrota da PEC-40 na votação em segundo turno.

O 2º turno, pelo calendário original do governo, seria no dia 20. Porém, ao que tudo indica não ocorrerá antes do dia 26, na medida em que o governo não conseguiu assegurar o quórum mínimo para a realização, conforme impõe o regimento, das duas sessões de debates prévias à votação em Plenário do 2º turno.

O governo, o FMI e toda a burguesia têm procurado dar como favas contadas a aprovação da "reforma" até fins de agosto ou setembro, devido à vitória deles contra os trabalhadores no 1º turno. Em discurso no rádio e na TV, Lula, inclusive, gabou-se: "*nunca governo algum conseguiu aprovar na Câmara, em apenas três meses e meio, uma reforma tão importante para o futuro do nosso país*."

É verdade que o governo do PT conseguiu impor uma vitória do FMI, dos banqueiros e do capital contra os trabalhadores, com a aprovação em 1º turno da PEC-40. Mas, sendo isso verdade, é uma meia verdade. Pois, é verdadeiro também que o governo e o PT pagaram um preço político altíssimo por isso. Uma parcela fundamental da classe trabalhadora organizada – os servidores públicos – romperam com o governo e estão em ruptura aberta e massiva com o PT. Uma das bases sociais tradicionais do PT, rompeu com esse partido.

Mas não é só isso. Todos os setores da burguesia e seus partidos que têm acordo com tudo que signifique ataque à classe trabalhadora e deram sustentação de fato ao governo nestes seis meses, começam a brigar entre si no varejo e também – alguns setores daqueles que não se encontram na base governista (como parte do PSDB e do PFL), começaram a botar as manguinhas de fora ou a "boca no trombone", buscando capitalizar o desgaste do governo nas eleições de 2004.

A crise geral do país gera também crise interburguesa e crise política. De modo que o desgaste do governo, reivindicações não atendidas de setores burgueses e manifestações dos servidores levaram a crises no Congresso. O governo só pode "ganhar" no 1º turno instalando um balcão de negócios na "casa do povo" (ou dos picaretas, como a chamava nos bons tempos o próprio PT) e porque pode contar – via pressão dos governadores – com os votos decisivos do PFL e PSDB.

O governo, portanto, contraditoriamente teve uma vitória junto à burguesia, mas saiu mais enfraquecido do ponto de vista de sua governabilidade.

A "reforma" ainda tem um longo caminho pela frente para ser aprovada em definitivo. E nos próximos dois meses haverá cada vez mais pedras.

A luta contra a "reforma" não apenas não acabou, como ainda é possível derrotar a PEC-40.

PLENÁRIA DEFINIRÁ A CONTINUIDADE DA LUTA

É possível que quando este jornal chegue às mãos dos nossos leitores, a Plenária Nacional do Funcionalismo, que se realiza dia 21, já tenha indicado todos os próximos passos da luta para impedir essa contra-reforma. Com certeza, a luta vai continuar, seja com greve ou outras formas de luta, até o final da tramitação no Senado, caso a PEC passe em 2º turno na Câmara.

Antes de optar por novas formas de luta, os servidores exigem resolver uma série de pendências com o governo, desde reivindicações setoriais até a garantia de não haver corte de ponto ou qualquer outra retaliação.

Quando fechávamos esta edição, a tendência da maioria das entidades era orientar o recuo organizado da greve, mas a continuidade da luta: ações nos estados, campanha massiva de "escrache" dos deputados que não rejeitaram a PEC-40 e pressão sobre os senadores. E também, paralisação e nova manifestação em Brasília na votação no Senado.

Não se descarta ainda que a Plenária, o Comando e o CNESF opte por manter algumas categorias e setores em greve até lá.

ALTERNATIVA POLÍTICA E UNIDADE NA LUTA

Os servidores, apesar da derrota no 1º turno, longe de sentirem-se desmoralizados, vivem uma enorme radicalização política, com capacidade e disposição para torrar os deputados massivamente, realizar novas manifestações de massas e seguir na luta contra o projeto do FMI e do governo Lula.

E – com certeza – serão protagonistas da recomposição e reorganização política dos trabalhadores, levantando uma alternativa de esquerda a esse governo e ao PT, garantindo que os futuros contingentes de trabalhadores que certamente romperão com o governo não sejam empurrados para a direita e nem para a desmoralização.

Para impedir a PEC-40, os servidores contarão por um lado com mais crises do lado de lá e mais desgaste do governo perante os trabalhadores. E sobretudo, não apenas com a continuidade da sua luta, mas certamente com a entrada em luta de setores que serão obrigados a se mobilizar por reivindicações (como sem-teto e sem-terra) ou contra a perda de direitos, já que vem aí a contra-reforma trabalhista.

Será necessário unir essas lutas e exigir de suas lideranças – como, por exemplo, da direção do MST que se calou no 1º turno – que se coloquem explicitamente contra a "reforma". ■

Cartazes com os deputados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro

Massificar o Poste

Os cartazes com as caras e nomes dos deputados de cada estado que estiveram com o governo, estão na praça.

Desde o último dia 6, os servidores têm realizado atos em todos os estados, inaugurando os "cartazes", enterrando o governo e também os traidores do PT e PCdoB, não poupando inclusive os 8 que se abstiveram diante desse monumental ataque aos trabalhadores.

FOTO SAMUEL TOSTA

Chico Alencar (PT-RJ) enfrenta o protesto dos servidores no Centro do Rio de Janeiro

Em Alagoas, eles "expulsaram" José Genoíno. No Rio, realizaram uma manifestação no Buraco do Lume, local de comício semanal dos deputados petistas, especialmente dos da "esquerda" do PT. O deputado Chico Alencar e o ex-deputado Milton Temer enfrentaram-se com os Manifestantes, que os chamava de traidores sem parar. Em assembléia, os professores estaduais votaram por colocar todo mundo no poste, incluindo-os.

Em São Paulo – além de realizarem ato para inaugurar o cartaz dos deputados -, os professores em assembléia da Apeoesp votaram confeccionar cartazes com todos que os traíram, incluindo os do grupo dos 8, como Ivan Valente. Além disso, votaram pela desfiliação e expulsão do sindicato do "professor" Luizinho (PT-SP).

Além destes atos que devem continuar, é necessário – e essa certamente será a orientação da Plenária – massificar a campanha e os escraches contra os deputados, até para dar um recado explícito aos senadores.

Por isso, os postes de todas as cidades do país devem ser empastelados com as caras e os nomes dos mesmos.

É preciso que fique marcado para toda a população, de forma massiva, quem são aqueles que votaram a favor ou se omitiram diante da Privatização da Previdência Pública. Por isso, o objetivo é colar os cartazes em todos os postes. Os senadores – com este exemplo – pensarão duas vezes antes de se torrar. O poste é um grande instrumento de luta.

Evento no Rio debate necessidade de cons

Fotos Samuel Tosta

POR ANDRÉ VALUCHE, da redação

Mais de 400 ativistas, entre os quais lideranças da greve dos servidores, realizaram na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) um debate sobre o "Governo Lula e a necessidade de um Novo Partido de esquerda".

A mesa foi composta por: Marcelo Badaró, historiador da UFF, que além de falar em seu nome, representou o vice do Andes-SN, José Domingues de Godói que, em razão de atividades da greve não pode estar presente; Cláudio Gurgel da direção do PT-RJ e coordenador do Reage PT; Roberto Simões, da direção do Sepe-RJ e da Organização Marxista Proletária (OMP) e Zé Maria, do PSTU.

Cristina Miranda, da direção do ANDES-SN, leu um Manifesto em defesa da necessidade de construção de um Movimento por um Novo Partido (ver ao lado)e conclamou todos a assiná-lo. A deputada Luciana Genro (PT-RS) enviou uma saudação e a Corrente Socialista dos Trabalhadores e a International Socialist Organization (ISO-EUA) estiveram presentes. A seguir publicamos trechos de algumas intervenções realizadas no debate.

"Eu tô dentro desse projeto"

Marcelo Badaró
Historiador da UFF (Universidade Federal Fluminense)

"Temos um objetivo comum, a construção de uma nova organização que surge de uma ruptura. (...) Ruptura que busca no horizonte a unidade das várias organizações e militantes do movimento social. (...) Por isso, estou preocupado em fazer uma discussão sobre os desafios que estão a nossa frente. Partindo do que temos em comum: um partido classista, que leia a sociedade pela ótica da luta de classes e tome partido de uma classe e que tenha um horizonte socialista, portanto um partido que rompa com o modelo atual vigente.(...)

É preciso definir claramente o projeto estratégico (...) Me parece que não há muita discussão sobre o fato de que quem está fazendo este debate concorde que o projeto é o socialismo. E isso envolve ruptura, revolução e transformação social profunda. Mas os caminhos para fazer essa transformação não são necessariamente consensuais (...) Acho que a gente não pode fugir desse debate, (...)

O segundo desafio (...) é a relação dessa nova organização com os movimentos sociais. O PT utiliza os movimentos como correia de transmissão do partido, porque os entendeu como mobilizáveis em favor de projetos eleitorais e instrumento de contenção da luta de classes. O Partido que nós estamos construindo, vai nascer dos movimentos sociais e tem que ter como concepção a preservação da autonomia desses movimentos.

Um outro desafio é que muita das organizações que se envolvem com essa discussão (...) têm uma concepção de internacionalismo operário e é importante que esse novo Partido tenha esta concepção (...)

(...) Muita gente decretou a morte da classe trabalhadora, (...) a morte da perspectiva socialista. No entanto a classe, o projeto socialista e as organizações da classe demonstraram em cada um desses momentos um vigor que surpreendeu os adversários. A luta sempre continuava. Eu acredito que temos um ponto de partida excelente para enfrentar os desafios e construir essa nova organização. Eu tô dentro desse projeto.

"Estaremos juntos nesta caminhada"

Roberto Lerher
Ex-presidente do ANDES-SN, pesquisador da CLACSO/LPP, UERJ

"Esse movimento responde às necessidades subjetivas de cada um de nós que luta pelo socialismo e reponde às necessidades objetivas da luta de classes no Brasil e no mundo (..)

Precisamos de um movimento capaz de organizar e dar consistência política e teórica sobre a correlação de forças, sobre a natureza dessa crise que vivemos, a natureza da classe dominante e como ela se vincula com o imperialismo.

Seguramente, quando estivermos discutindo estratégia, vamos discutir democracia e socialismo. E nesse debate iremos construir um novo fundamento do partido, que de fato seja socialista e que permita à classe trabalhadora brasileira, latino-americana e mundial enfrentar os desafios que estão no nosso cotidiano.

Saúdo a todos os presentes que têm uma prática de vida, uma história de luta pela democracia e pelo socialismo.

Estaremos juntos nessa caminhada!"

"Construir o partido que a revolução brasileira quer e precisa"

Cláudio Gurgel
Membro do Diretório Regional do PT-RJ e coordenador do "Reage PT"

(...) Acho que não podemos ser desatentos ao fato de que milhares de companheiros da esquerda organizada no PT estão em busca de uma nova direção. Esta direção é o que nós de imediato precisamos construir. Alguma forma (frente, aliança) que possa aglutinar e sinalizar para todos esses companheiros que haverá espaço para que possam discutir e ter uma ação diferente. E onde se possa criar as bases para a construção de um partido que não seja a reprodução do PT, mas uma recuperação dos sonhos e esperanças (...) para construir um partido socialista com a perspectiva estratégica revolucionária.

Portanto, defendemos o mesmo ponto de vista que os companheiros do PSTU de que é necessário tempo para construir esse partido.

Construamos um espaço de formulação, direção e intervenção, que (...) possa superar os limites do PT. É necessário que esse novo partido resgate valores que foram abandonados, (...) principalmente o valor da opção pelo socialismo. Esse elemento, (...) deve ser a referência para a construção imediata desta alternativa capaz de (...) apontar para um partido alternativo ao PT que todos nós queremos construir. Que hoje, com o gesto de companheiros do PT e o gesto em particular do PSTU –que se dispõe a colocar a sua experiência aberta e disponível para ser base, referência e interlocutor - possamos portanto construir o partido que a revolução brasileira quer e precisa".

"Impedir a fragmentação dos descontentes com o governo Lula; orientar, aglutinar, coordenar esse descontentamento com uma direção classista e socialista"

Virginia Fontes
Professora de História da UFF

"O debate foi muito interessante e cheio, o que mostra a importância dessa discussão que já estava posta, na verdade, desde o momento em que o PT começou a sua virada mais significativa para um projeto de base eleitoral. A construção de um novo partido já esta colocada do ponto de vista operário e esse passo é fundamental. Como falou Cláudio Gurgel, ao usar a expressão "diálogo", o que está colocado para o imediato é a constituição de um movimento aglutinador de todas as forças de esquerda, mas de caráter classista e claramente socialista.(...)

Nesse primeiro momento, o grande desafio é impedir a fragmentação dos descontentes com o governo Lula; orientar, aglutinar, coordenar esse descontentamento com uma direção classista e socialista. Aprofundar a formação e o debate entre nós. Até para verificar futuramente se poderá se constituir efetivamente um novo partido com perfil claro".

"Unir a esquerda socialista brasileira na construção de um novo partido"

Zé Maria
Presidente do PSTU

"A revolta e a raiva dos militantes que queimam a bandeira do PT é a expressão de um processo amplo que leva milhares de militantes a romperem politicamente com o partido. (...)Acreditamos que haverá um recrudescimento das lutas, o que pode abrir a possibilidade não só de derrotar o modelo neoliberal e impedir a implementação dessas políticas, mas também de construirmos uma alternativa da classe, que leve à transformação da sociedade.

O problema é que, se a mobilização é uma condição fundamental para que se realizem essas mudanças, ela não é condição suficiente. É necessário que se construa uma alternativa política, que possa preparar e dirigir conscientemente esse processo de mobilização para que a sua conclusão seja o socialismo.

(...)Por isso levantamos o debate sobre a necessidade de unirmos a esquerda socialista brasileira na construção de um novo partido.(...)"

strução de Novo Partido e lança Manifesto

PUBLICAMOS TRECHOS DO MANIFESTO LANÇADO POR LIDERANÇAS SINDICAIS, SOCIAIS, POLÍTICAS E INTELECTUAIS, QUE PRETENDE FOMENTAR A DISCUSSÃO E SOMAR-SE À DEFESA DA NECESSIDADE DE QUE O MOVIMENTO PELA CONSTRUÇÃO DO NOVO PARTIDO SEJA INICIADO

PRECISAMOS DE UM NOVO PARTIDO SOCIALISTA QUE UNIFIQUE A ESQUERDA BRASILEIRA

Em diversos estados brasileiros, com a participação de muitos agrupamentos políticos e militantes dos movimentos sociais, vem sendo travada a discussão sobre a necessidade de construção de um novo partido socialista. Mais do que a vontade de dirigentes de agrupamentos já constituídos, é a decepção e a revolta de milhares de militantes com o PT no governo que dá o impulso maior para esse processo.

O presente documento pretende somar-se à defesa da necessidade de que o movimento pela construção do novo partido seja iniciado. Não pretende, portanto, esgotar as discussões acerca desse novo partido, seu programa, concepção e funcionamento. Pretende fomentar a discussão, que se faz não apenas necessária, mas também urgente.

Um caminho sem volta

Além da reforma da Previdência que o governo fez aprovar na Câmara dos Deputados, os juros na estratosfera; o aumento do superávit primário; a continuidade do pagamento das dívidas e das negociações da Alca, etc, expressam a opção do governo Lula pela defesa da *ordem* capitalista/imperialista estabelecida em nosso país e no mundo. A LDO (...) e o documento *Política Econômica e Reformas Estruturais*(...) estabelecem a continuidade até 2006 dessas políticas (...), diretrizes do FMI e do *Consenso de Washington II*. É o custo, a conseqüência da aliança com empresários e banqueiros que Lula e a cúpula do PT fizeram (...).

Nesse contexto, programas tipo Fome Zero e Analfabetismo Zero, não passam de políticas sociais compensatórias (...) aos moldes defendidos pelo Banco Mundial. Ao invés de acabar com a pobreza e a miséria, essas políticas (...) visam simplesmente evitar explosões sociais. Um governo que faz tudo isso não está em disputa. Decidiu governar com e para os banqueiros e grandes empresários, contra os trabalhadores.

A luta do povo vai crescer e radicalizar: precisa de uma direção política

O saldo para os trabalhadores é o mesmo de sempre: o desemprego aumentou; o valor real dos salários caiu mais de 10% em um ano; não há recursos para a reforma agrária, para a moradia, para a saúde, para o reajuste de salário do funcionalismo, e um longo etcetera (...). Essa situação tende a se agravar (...).

Esse cenário tende a transformar as expectativas e esperanças que a maioria do povo ainda deposita nesse governo na mesma decepção e revolta que atinge hoje o funcionalismo, e pode potencializar e radicalizar as lutas sociais em nosso país. Sabemos que a mobilização social, apesar de fundamental, por si só não assegura uma saída positiva para a crise, uma saída pela esquerda (...). Para que haja condições efetivas de lutar por uma saída socialista é preciso que nossa classe tenha um instrumento político, um partido que seja o pólo consciente dessa luta(...).

A despeito dos milhares e valorosos ativistas e dirigentes das lutas sociais que são filiados ao PT, esse partido não poderá ser a direção das lutas que virão. É o partido que hoje chefia a aplicação do programa do FMI em nosso país e, como o governo, tampouco está em disputa. O PCdoB, levado por sua direção, apóia o governo Lula e acompanha a cúpula do PT, acabando por padecer dos mesmos problemas que afetam esse partido.

O desafio da esquerda socialista neste momento é construir uma nova direção política capaz de preparar conscientemente esse processo de mobilização e de conduzir essas lutas sociais com o objetivo de realizar uma transformação socialista em nosso país.

Um partido socialista, contra a *ordem* do FMI e do capital

A classe dominante clama por *ordem* e repressão aos movimentos sociais. O governo e o PT apressam-se a responder que não tolerarão ataques ao *Estado Democrático de Direito*. Mas, o atual *Estado de Direito* (que de democrático não tem nada) é a *ordem* do latifúndio, da propriedade capitalista, dos *contratos* com o FMI e o imperialismo (...). Sem romper com essa *ordem* não haverá mudança para os trabalhadores.

As liberdades democráticas e os direitos sociais são conquistas da classe trabalhadora arrancadas ao capitalismo com muita luta e sacrifício. E é de muita luta que precisamos para manter e ampliar estes direitos. Mas a *democracia liberal*, entendida como simples acesso ao voto e a um processo eleitoral transformado em espetáculo pelo poder econômico do marketing político é um obstáculo, não um caminho, para o verdadeiro governo dos trabalhadores (...).

Só haverá transformação social se rompermos com essa democracia do capital, para instituir uma ordem verdadeiramente democrática, da classe trabalhadora.

O novo Partido que queremos construir deve privilegiar a luta e a ação direta dos trabalhadores e não as eleições, ainda que não deva desprezar a disputa política em todos os espaços. Deve se vacinar contra os erros que permitiram a degeneração do PT, rejeitando alianças com a classe dominante para ter como estratégia um governo dos trabalhadores, sem latifundiários, grandes empresários e banqueiros. Deve primar por uma verdadeira democracia interna (...).

Unir a esquerda socialista para construir esse novo Partido

Está em curso um fenômeno de ruptura com o PT, de milhares de militantes que não aceitam as mudanças vividas por esse partido. É preciso dar um sentido positivo a essas rupturas, evitando a capitalização desse processo pela direita ou a decepção que leve à desmoralização e ao abandono da luta. Urge então apresentar uma alternativa socialista (...).

A anunciada expulsão dos *radicais* do PT é parte dessa situação, que abriu objetivamente um processo de recomposição política. Processo que vai se prolongar no tempo, na medida que há setores que não romperão com o governo agora, mas poderão fazê-lo no futuro(...). O PSTU, que agrupa uma outra parcela da esquerda socialista brasileira, vem defendendo a necessidade de construir um novo partido que unifique toda a esquerda brasileira. Em outros partidos de esquerda e em diversos movimentos sociais cresce a inquietação com o que ocorre com o PT (...) indicando para a necessidade de um novo instrumento político.

Estamos frente a uma oportunidade histórica, que é a de fazer com que a recomposição em curso resulte na unidade da esquerda socialista, construindo uma alternativa política superior a todas as existentes. Não se trata de vontade desse ou daquele setor. Trata-se de enfrentar os desafios da luta de classes no quadro político que se avizinha no país. Nenhum dos setores da esquerda socialista brasileira está hoje em condições de dar conta sozinho desses desafios. A dispersão dos socialistas neste momento teria conseqüências trágicas (...).

Precisamos somar nossas forças para lançarmos no prazo de tempo mais curto possível, um Movimento pela Construção de um Novo Partido, que se constitua como alternativa para agrupar toda a militância de esquerda, e seja um espaço para unificar e impulsionar as nossas lutas e as discussões que nos permitam definir democraticamente quais serão a concepção, o programa e o funcionamento do partido que queremos construir. Os que assinam esse Manifesto querem tomar essa iniciativa juntamente com todos os setores que assumam também esse desafio, sem nenhuma preocupação com paternidade da idéia ou de monopólio da iniciativa.

Assine você também o manifesto. Leia a íntegra no site do PSTU (*www.pstu.org.br*)

Roberto Marinho: uma longa e espúria história

WILSON H. SILVA,
da redação

Na noite de quarta-feira, 6 de agosto, Ana Paula Padrão abriu o *Jornal da Globo* com vestido preto e cara de velório anunciando a morte do "jornalista" Roberto Marinho. Nos dias seguintes, o público foi exposto a um bombardeio de depoimentos que nos apresentavam o falecido como um apaixonado jornalista e "companheiro" de trabalho e, acima de tudo, um incansável batalhador pela revolução da comunicação e da cultura brasileiras (que, ainda, dedicava parte de seu precioso tempo para projetos sociais).

Pode-se dizer que a farsa encenada pela Globo e seus coadjuvantes — a imprensa em geral, o governo Lula e eminentes petistas à frente —, apesar de repugnante, fechou com chave-de-ouro a trajetória de Roberto Marinho. Afinal, se há algo que pode sintetizar a longa biografia desse homem é a manipulação da comunicação, a distorção da história, a convivência promíscua com o "poder" e o potencial em transformar qualquer fato em fonte de lucro.

À SOMBRA DO PODER

Roberto Marinho acumulou uma fortuna pessoal de US$ 1,5 bilhão. As empresas do império (cerca de 100) fatura, a cada ano, cerca de US$ 6 bilhões. Sendo à Rede Globo de Televisão — a quinta maior do mundo —, a mais importante.

A base de tudo isso foi o jornal *O Globo*, fundado em 1925. De lá para cá, Marinho expandiu seus domínios com um invejável senso de oportunidade e uma série de falcatruas econômicas e políticas.

Em 1944, quando o rádio era o principal meio de comunicação, ele inaugurou a *Rádio Globo*; em 1957, ganhou a primeira concessão de TV, no Rio de Janeiro, que resultou na inauguração da Globo, em 1965 e, mais recentemente, nos anos 90, passou a investir nas chamadas novas mídias.

O elemento comum neste percurso, longe de ser o empenho do abnegado jornalista, foi sua defesa dos interesses burgueses e, conseqüentemente, uma longa ficha corrida de serviços prestados a todas as ditaduras.

Na década de 30, ao mesmo tempo em que fazia críticas ao Estado Novo de Getúlio Vargas, Marinho tinha assento permanente no Conselho do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), responsável pela censura dos jornais. Neste mesmo período, o empresário ganhou rios de dinheiro, monopolizando a edição de história em quadrinhos norte-americanas e na especulação imobiliária.

Também não foi por coincidência que a Globo nasceu um ano após do golpe militar. Como parte do financiamento norte-americano para o "combate ao comunismo", Marinho recebeu US$ 4 bilhões da revista *Time-Life*, além de todo apoio logístico para a implementação da emissora.

A transação foi totalmente ilegal, já que a Constituição vetava a participação acionária de estrangeiros em empresas de comunicação e o congresso chegou a abrir uma CPI. Contudo, a Comissão concluiu que, de fato, a lei havia sido desrespeitada, mas que...a operação havia sido legal. Marinho, então, pagou a dívida com a revista e, na seqüência, recebeu outro empréstimo (de US$ 3,8 bilhões) do Citibank.

A "tríplice-aliança" que envolveu Marinho, os ditadores e o imperialismo foi descarada. Para se ter uma idéia, a área técnica da emissora ficou nas mãos de um general e a administração financeira tinha à frente um executivo da *Time-Life*.

Em retribuição, a Globo prestou valiosos serviços à Ditadura. Através de "programas-exaltação" como *Amaral Neto, o repórter*, ou manipulando o noticiário — com um criminoso silêncio sobre a tortura e a repressão. A tal ponto que um dos maiores facínoras da história brasileira, o ditador Emílio Médici, declarou, na década de 70: *"Sinto-me feliz todas as noites quando assisto ao noticiário. Porque, no noticiário da TV Globo, o mundo está um caos, mas o Brasil está em paz".*

Mais recentemente, no segundo mandato de FHC a Globo recebeu um empréstimo de US$ 38 milhões da Caixa Econômica Federal, apesar da operação ter contrariado um parecer técnico da própria CEF.

FOTO INDYMEDIA

ACM e Sarney no enterro de Roberto Marinho

Foram muitas as declarações "espantosas" sobre a morte de Roberto Marinho. Contudo, poucos conseguiram superar o governo petista e seus aliados.

De Benedita da Silva a José Dirceu, de Aldo Rebelo a João Paulo Cunha, de Miro Teixeira a Genoino, os governistas não mediram esforços para endeusar o "todo poderoso". Eis algumas das lamentáveis pérolas:

"Acho que a gente não mede as pessoas pelas divergências políticas, mas pela importância que tiveram naquilo que se propuseram a fazer (...). A comunicação e a cultura no Brasil perdem um homem de vanguarda (...). Foi, inegavelmente, um dos maiores homens da história da comunicação neste país."
Luiz Inácio Lula da Silva

"Foi o doutor Marinho fundamental na construção da democracia brasileira e no fortalecimento e estabilidade do sistema democrático nacional. Devemos aplaudir o exemplo dado por ele".
Antônio Palocci, ministro da Fazenda

"Foi o maior jornalista brasileiro, que modificou criou e revolucionou"
Marta Suplicy, prefeita de S. Paulo

DISTORCENDO A HISTÓRIA

Há um pouco de tudo neste lamaçal. Quando as greves do ABC explodiram, no final dos anos 70, a emissora fez o possível e o impossível para omitir os fatos, gerando um descontentamento crescente entre os ativistas e resultando na criação de uma palavra-de-ordem que seria ouvida muitas vezes nos anos seguintes: *"O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo!"*

Na Campanha pelas Diretas, enquanto centenas de milhares ganhavam as ruas do país, as telas da Globo sequer citavam os atos ou, pior, falseavam a história. Foi assim, por exemplo, que um ato com cerca de 300 mil pessoas, realizado em S. Paulo, no dia 25 de janeiro de 1985, foi transformado pelo *Jornal Nacional* em uma homenagem ao aniversário da cidade.

Quatro anos depois, na campanha eleitoral que levou Lula e Fernando Collor para o segundo turno, Marinho interveio na edição de um debate entre os dois candidatos e reproduzido no *Jornal Nacional*. O empresário beneficiou Collor — amigo pessoal e filho de um sócio da Globo — não só dando-lhe mais tempo na edição, como também manipulando as imagens e o som para prejudicar Lula.

Em suma, o fato é que a ingerência da família Marinho no poder foi ilimitada: tentaram fraudar eleições (como a de Brizola, para o governo do Rio de Janeiro, em 1982); indicaram diretamente ministros — como ACM (Comunicações) e Maílson da Nóbrega (Finanças), no governo Sarney e transformaram seus principais produtos — incluso as telenovelas — em canais de propaganda contra os movimentos sociais.

A SERVIÇO DE QUEM?

Além de decretar três dias de luto oficial, Lula foi ao velório de Roberto Marinho acompanhado de sete ministros e uma infinidade de aliados. Para surpresa de muitos, até mesmo Brizola, velho "inimigo" do empresário, também esteve lá para lembrar da "admiração" que todos os brasileiros deveriam dedicar a Marinho.

Na fala de todos eles, ouviu-se muito sobre o importante papel que Marinho desempenhou no desenvolvimento das comunicações e na divulgação da cultura. Uma opinião que, com certeza, muitos brasileiros compartilham, já que têm na TV seu único meio de diversão e lazer.

Contudo, o que Lula e seus aliados esquecem são os objetivos e os meios que Marinho tinha por trás de seu império. Em primeiro lugar, é falso dizer que a Globo cumpre um papel progressista na cultura nacional. Por mais que as pessoas apreciem seus produtos — e mesmo considerando-se que existem artistas e profissionais de alto gabarito entre seus funcionários —, o fato é que o Império Marinho é um dos principais instrumentos de padronização e dominação ideológicas do país.

Algo que, por exemplo, fica evidente na tentativa de homogeinização cultural através de padrões do sul do país, como também através de seu mal disfarçado racismo, que, durante décadas afastou negros e negras de seus principais programas. Machismo e homofobia mereceriam "capítulos à parte".

E mais: as Organizações Globo não só cresceram à sombra da ditadura e dos governos patronais, como também tem cumprido um papel de destaque na defesa dos interesses do capital e do imperialismo.

E, para tal, não se acanhou em ser cúmplice da perseguição, tortura e até mesmo assassinato de dezenas de verdadeiros jornalistas e artistas que, no decorrer de décadas, realmente lutaram para revolucionar o país, sua cultura e sua comunicação. Gente como Vladimir Herzog e Patrícia Galvão, só para citar dois exemplos de lutadores que sofreram nas mãos dos governos acobertados por Marinho.

Desvincular Roberto Marinho disto significa manipular e distorcer a história. Algo que, por mais que seus novos amigos tenham se esforçado, Marinho certamente sabia fazer com mais capacidade e "profissionalismo". ■

63 ANOS DO ASSASSINATO DE TROTSKY

RODRIGO M. RICUPERO,
da redação

Neste 21 de agosto faz 63 anos do assassinato do revolucionário russo Leon Trotsky. Em agosto de 1940, em sua casa no México, onde vivia exilado, um agente da polícia secreta de Stalin (GPU), Ramon Mercader, assassinou o companheiro de Lenin na Revolução Russa de 1917.

Leon Trosky presidiu o Soviete de Petrogrado na revolução de 1905, conheceu as prisões da Rússia cazarista e passou anos no exílio. Regressando à Rússia após a revolução de fevereiro de 1917, que deu origem ao governo de colaboração de classes, integrou o Partido Bolchevique e, ao lado de Lenin, cumpriu um papel de primeira grandeza na revolução de outubro.

Junto com Lênin, combateu o Governo Provisório (apoiado e formado por Mencheviques, Socialistas Revolucionários e o partido da burguesia liberal, o Kadete) e levou o proletariado russo à tomada do poder.

Depois da revolução, Trotsky organizou e comandou o Exército Vermelho, que derrotou a invasão dos exércitos imperialistas, e foi "comissário do povo" para assuntos exteriores.

A CONTRA-REVOLUÇÃO STALINISTA

Mas se o jovem estado operário resistiu à invasão imperialista, não resistiu ao isolamento. As esperanças de Lenin se concentravam na vitória da revolução nos demais países da Europa, pois só via a possibilidade de desenvolvimento do socialismo na Rússia como parte de um processo mundial.

A traição dos partidos social-democratas conduziu a revolução européia à derrota. Isolados, o jovem estado operário russo e o Partido Bolchevique acabaram vítimas de um processo de burocratização. Lenin dedicou os últimos meses de sua vida para alertar o partido e empreender uma luta contra esse processo.

Trotsky seguiu esta batalha de Lenin. Organizou a Oposição de Esquerda e lutou contra a política da burocracia dirigente que, para garantir seus privilégios, criou a "teoria-justificativa" do "socialismo em um só país". Contra toda a tradição marxista, Stalin defendeu que já não era necessária a derrota do imperialismo para a construção do socialismo.

Stalin dirigiu uma contra-revolução dentro da União Soviética, Trotsky foi expulso do país em 1928, e em seguida Stalin decretou a eliminação física de toda velha guarda bolchevique e de toda a Oposição de Esquerda.

Depois disso era preciso eliminar também Trotsky, que representava a continuidade da revolução de outubro: a luta pela revolução mundial.

A LUTA PELA VITÓRIA DAS REVOLUÇÕES E CRIAÇÃO DA IV INTERNACIONAL

A burocracia stalinista conspirou diretamente para impedir a vitória de todas as revoluções.

Na década de 30 do século passado, o stalinismo criou uma "nova teoria" que, ao lado da do socialismo num só país, seria uma de suas teorias centrais: a Frente Popular. Defendeu que os PCs conformassem governos de aliança com a burguesia "democrática" ou "progressista" nos limites do capitalismo.

Trotsky dedicou os últimos anos de sua vida a construir uma alternativa à desastrosa política dos partidos comunistas, intervindo nos processos revolucionários.

Junto com isso, realizou o que em sua própria opinião era "o trabalho mais importante" de sua vida: a construção da IV Internacional. ■

Trotsky e a Revolução Espanhola

A Revolução Espanhola foi um dos grandes acontecimentos da década de 30 e Trotsky participou amplamente dos debates. Com a queda da monarquia no começo da década, iniciou-se um forte ascenso operário e camponês com greves e ocupações de terra.

Em 1936, a Frente Popular reunindo o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), o Partido Comunista, o POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) e setores burgueses, venceu as eleições, mas não concedeu terras aos camponeses nem resolveu os problemas da classe operária. O movimento de massas seguiu em ascenso, precipitando a reação da direita em um golpe militar.

A ação dos fascistas comandados por Franco contra a República iniciou a Revolução Espanhola. Os trabalhadores organizados em milícias antifascistas derrotaram a tentativa de golpe em boa parte da Espanha, que dividiu-se em duas zonas: uma controlada pelos fascistas e outra republicana, dando início a guerra civil.

A burguesia e os latifundiários, que apoiaram os golpistas, fugiram das áreas controladas pelos republicanos e as milícias armadas assumiram o controle das fábricas, dos serviços públicos e das terras. O Estado republicano subsistiu de forma extremamente frágil, na verdade o poder real estava nas mãos dos trabalhadores.

A política da Frente Popular foi devolver o poder à burguesia, que participou do governo somente com elementos secundários, "à sombra da burguesia" como dizia Trotsky. O PC, o PSOE e os anarquistas da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) afirmaram que a tarefa da revolução não era a tomada do poder e sim a derrota dos fascistas. Portanto, os trabalhadores que já controlavam as empresas e as terras deveriam devolvê-las.

Trotsky defendeu o oposto. Baseado na experiência da Revolução Russa, afirmou que a vitória na guerra civil seria o resultado da conquista do poder pelo proletariado. E que a política da Frente Popular de deter a revolução, limitando-a à derrota do fascismo, acabaria dando a vitória aos fascistas - o que de fato se verificou em 1939 - pois as massas lutavam contra o fascismo e também por terra, trabalho e uma vida digna.

Contra a política do PC e do PSOE, foi construído na região da Catalunha o POUM. Uma forte organização com implantação na classe operária que chegou a ter mais de 10 mil milicianos armados. O POUM surgiu da fusão entre uma corrente com origem na Oposição de Esquerda, cujo principal dirigente era Andreu Nin, e o Bloco Operário e Camponês.

Nin, ex-dirigente da CNT, esteve na URSS, e foi um dos principais dirigentes da Internacional Sindical Vermelha. Com a ascensão do stalinismo, vinculou-se à Oposição de Esquerda e em 1930 voltou a Barcelona.

Trosky rompeu relações com Nin quando o POUM assinou o programa da Frente Popular, e em nome da unidade, este decidiu entrar no governo, aceitando o cargo de ministro da Justiça do governo catalão.

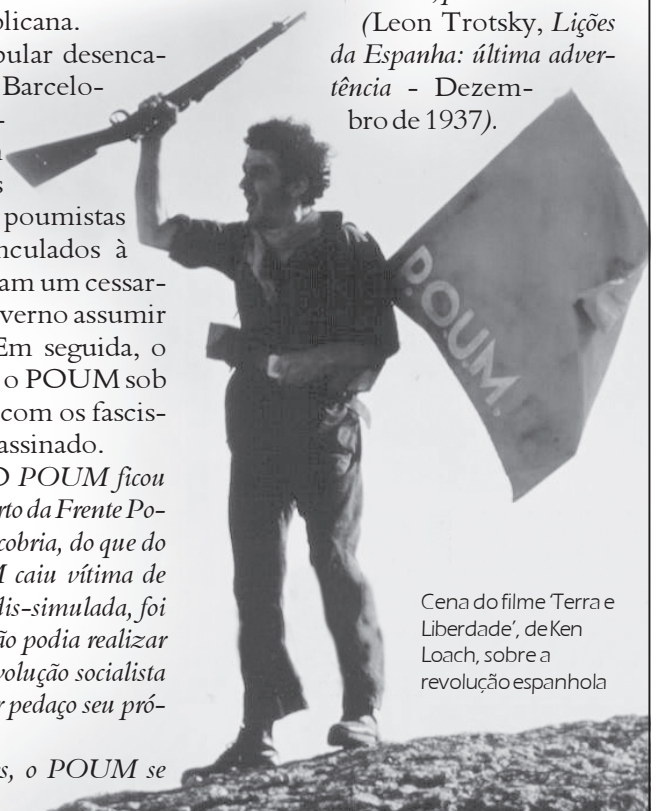
As conseqüências da entrada no governo surgiram rapidamente. Uma das primeiras decisões deste foi precisamente a dissolução dos comitês populares nascidos das jornadas revolucionárias, instrumentos de duplo poder, e a restauração de um governo burguês, como tinha sido feito no resto da Espanha republicana.

Em 37, a Frente Popular desencadeou uma ofensiva em Barcelona para desarmar os operários, que resistiram bravamente. Mas seus dirigentes, anarquistas e poumistas estavam demasiado vinculados à Frente Popular e aceitaram um cessar-fogo que permitiu ao governo assumir o controle da cidade. Em seguida, o stalinismo tornou ilegal o POUM sob a acusação de colaborar com os fascistas. Nin foi preso e assassinado.

Trotsky escreveu: "*O POUM ficou incomparavelmente mais perto da Frente Popular, cuja ala esquerda ele cobria, do que do bolchevismo. Se o POUM caiu vítima de uma repressão sangrenta e dis-simulada, foi porque a Frente Popular não podia realizar sua missão de sufocar a Revolução socialista senão demolindo pedaço por pedaço seu próprio flanco esquerdo.*

Apesar de suas intenções, o POUM se achou, no fim das contas, o principal obstáculo no caminho da construção de um partido revolucionário. A Revolução não combina com o centrismo.

A linha de menor resistência patenteia-se, na Revolução, a linha de pior falha. O medo de se isolar da burguesia leva a se isolar das massas. A adaptação aos preconceitos conservadores da aristocracia operária significa a traição aos operários e à Revolução. O excesso de prudência é a imprudência mais funesta. Esta é a principal lição do desmoronamento da organização política mais honesta da Espanha, o POUM, partido centrista".

(Leon Trotsky, *Lições da Espanha: última advertência* - Dezembro de 1937).

Cena do filme 'Terra e Liberdade', de Ken Loach, sobre a revolução espanhola

PARTICIPAÇÃO DE LULA NO ENCONTRO DA GOVERNANÇA PROGRESSISTA SINALIZA À ESQUERDA MUNDIAL O QUE OS “MERCADOS” JÁ SABIAM: A CONVERSÃO DO PT AO PROGRAMA DO SOCIAL-LIBERALISMO

26/01/2003 FOTO RICARDO STUCKERT / ABR

O SOCIAL-LIBERALISMO CHEGA AOS TRÓPICOS

FOTO MILTON SATTEL

Boneco de Tony Blair durante protestos contra a invasão ao Iraque

RUY BRAGA* E ALVARO BIANCHI,**
especial para o **Opinião Socialista**

A presença do presidente Luís Inácio Lula da Silva na Cúpula da Governança Progressista, realizada em Londres, tem sido anunciada pelos organizadores como a possibilidade de relançar o combalido projeto da Terceira Via. “*O mundo ainda vai ouvir muito sobre a Terceira Via*”, festejou seu ideólogo, o sociólogo Anthony Giddens, em artigo recentemente publicado.

A Terceira Via, anunciada por Anthony Giddens, apresentou-se como um projeto e um programa econômico, social e político, supostamente eqüidistante tanto do liberalismo quanto do socialismo. Abraçado pelo então presidente norte-americano Bill Clinton, e pelo primeiro-ministro britânico, Tony Blair, o projeto ganhou corpo com a reunião da Cúpula da Governança Progressista, realizada em Florença em 1999, que contou também com o chanceler alemão Gerhard Schroeder e com os primeiro-ministros Wim Kok, da Holanda, e Massimo D’Alema, da Itália.

Cabe perguntar: qual o significado da participação de Lula nesse encontro? A vitória eleitoral do Partido dos Trabalhadores constituiu um acontecimento político inédito em nossa história. Contudo, as ações de seus primeiros meses de governo têm sido marcadas pelo signo do social-liberalismo. A participação no encontro da Governança Progressista sinaliza para a esquerda mundial o que os “mercados” já sabiam: a conversão do PT ao programa do social-liberalismo.

Por social-liberalismo entendemos um amplo movimento em escala internacional da incorporação de premissas do neoliberalismo por tradicionais partidos de orientação social-democrata. O respeito por parte destes às determinações dos “mercados” – esta verdadeira mistificação conceitual que procura obscurecer as estratégias e os mecanismos da exploração e da opressão –, a adesão às políticas de ajuste estrutural compactuadas pelos fundos internacionais (FMI e Banco Mundial) e a defesa programática das reformas trabalhistas e previdenciárias produziram um curioso efeito político: a emergência de uma espécie de “neoliberalismo mitigado”.

É possível identificar um número bastante variado de exemplos desta conversão de partidos reformistas à ortodoxia liberal: o “Novo Trabalhismo” inglês, o “Socialismo Administrativo” francês e o “Novo Centro” alemão, a despeito de sua pluralidade, apontam, há algum tempo, para o caminho que vem trilhando o “petismo” brasileiro. No Brasil, com a vitória eleitoral de 2002, este processo elevou-se quantitativa e qualitativamente. Democracia e mercados, Estado e economia, direita e esquerda, crise e reestruturação produtiva, indivíduo e classes sociais... Um conjunto heterogêneo e articulado de grandes temas ressurge, captado de acordo com o prisma do “social-liberalismo” na teoria da Terceira Via.

É inquestionável a importância deste debate no âmbito das alternativas à crise do neoliberalismo.

> O ESTADO PROPOSTO PERMITIRIA MUDAR O MUNDO PERMANECENDO TUDO COMO ESTÁ

Fenômeno internacional, tal crise – México (1994), França (1995), Sudeste Asiático (1997), Rússia (1998), Brasil (1999), Argentina (2001-2002) e, novamente, Brasil (2002) – descortinou uma conjuntura relativamente nova no cenário econômico e político internacional. O desgaste das estratégias dos fundos internacionais, os ataques aos direitos sociais, o desempenho econômico modesto, o desemprego e o enfraquecimento eleitoral daí decorrentes conferiram um novo fôlego ao projeto da “moderna” orientação social-democrata, na Europa e no Brasil. Se bem é verdade que a crise do neoliberalismo condicionou o ressurgimento do debate sobre a terceira via, também é verdade que os principais eixos teóricos e políticos que o sustentam têm raízes profundas na conjuntura econômica e política dos anos 1970 e 1980.

Os anos da década de 1980 foram de estruturação do neoliberalismo. A cena da história assumiu uma tonalidade marcada pela difusão do processo de mundialização do capital cuja dinâmica fez vergar a espinha dorsal da maioria das sociedades nacionais. Um impulso extra adveio da crise e do posterior sepultamento das “sociedades do Leste”, assim como da defensiva do movimento operário mundial, atingido em cheio pelo desemprego de massas e a reestruturação produtiva em curso.

O pensamento e a prática reformistas não poderiam passar imunes a um processo dessa magnitude. A Terceira Via, colocando-se supostamente “além da esquerda e da direita” pressupõe tacitamente a social-democracia renovada pela hegemonia neoliberal. A resultante é clara: o socialismo inscreve-se apenas formalmente, no horizonte histórico. Deve ser perseguido por meio de reformas progressistas negociadas com o capitalismo. Nesse sistema, só não há espaço para a revolução. Entre esta e o capitalismo, intercala-se um caminho alternativo: acumular forças e transitar pacificamente rumo a um socialismo inalcançável. O Estado regulador proposto pelo reformismo permitiria mudar o mundo permanecendo tudo como está.

O governo petista busca, acompanhando a trajetória recente de parte da esquerda européia social-democrata, se constituir como a alternativa por excelência entre aqueles que defendem a passividade da classe trabalhadora diante da exploração, por um lado, e os partidários das lutas de classes, por outro. Simétricos na recusa à negociação, neoliberais e “esquerdistas” encontrar-se-iam enclausurados numa compreensão estreita das possibilidades abertas ao crescimento com estabilidade pelo compromisso social no crepúsculo de um período histórico marcado pela crise contemporânea.

Se, por um lado, é possível localizar profundas diferenças entre a trajetória da esquerda reformista européia – e suas representações teóricas – e a trajetória política petista, por outro, é impossível deixar de notar paralelismos e convergências significativas. Sobretudo quando pensamos no programa de governo do PT, na reforma da Previdência e na gestão macroeconômica levada a cabo pelo ministro da Fazenda, Antônio Palocci. Não queremos dizer com isso que o governo Lula será uma espécie de “cópia” de experiências políticas reformistas recentes. A rigor, o programa petista localiza-se à direita de várias das políticas reformistas européias. Mas, do “Novo Trabalhismo” inglês ao “Socialismo Administrativo” francês, passando pelo “Novo Centro” alemão, não deixa de ser possível vislumbrar no passado recente europeu algumas indicações interessantes a respeito do futuro do governo Lula e das alternativas ao neoliberalismo. ■

**** Ruy Braga é professor da USP***
***** Alvaro Bianchi é professor da Universidade Metodista de São Paulo***

A CLASSE OPERÁRIA CHILENA ENTRA EM CENA

DO MOVIMENTO PELO SOCIALISMO DO CHILE (MPS),
especial para o **Opinião Socialista**

Quando Arturo Martinez, presidente da CUT chilena, convocou a primeira greve nacional depois de dezessete anos, ninguém pensou que a classe operária iria responder e mostrar ao mundo que a estabilidade da economia chilena não passa de cifras que engordam os bolsos das multinacionais, enquanto o povo se vê cada vez mais sem direitos.

Certamente o presidente Ricardo Lagos ainda está incrédulo. Antes da greve do dia 13 de agosto, ele afirmava que os 51% dos eleitores que o elegeram lhe concederiam mais tempo para conseguir sair da crise.

Uma semana antes da mobilização, apressou-se em enviar um projeto de lei para que as reclamações trabalhistas sejam julgadas de forma mais rápida, ao mesmo tempo em que enviava o projeto de "adaptabilidade trabalhista", que não é outra coisa que a conhecida flexibilização e perda de direitos.

A PREPARAÇÃO DA GREVE

Apesar das ameaças do governo de aplicar a lei "antiterrorista" aos dirigentes sindicais, e a repetida ameaça de deixar cair "todo o peso da lei" sobre os manifestantes, alegando que a greve *"prejudicaria a imagem de estabilidade que tinha o país"*, o governo não conseguiu diminuir a adesão à greve.

Na noite anterior e como última cartada, o presidente apareceu em cadeia nacional de TV e anunciou a esperada proposta sobre Direitos Humanos, o que apenas serviu para radicalizar ainda mais o movimento, pois a proposta do governo abre caminho para deixar impunes os responsáveis dos crimes da ditadura.

Na medida em que se aproximava o dia da greve, era possível sentir o clima de mobilização que se instalava. Eram formados comitês para organizar a paralisação, panfletos eram distribuídos nas principais praças e avenidas e as paredes das cidades começavam a encher-se de cartazes.

Os sindicatos, um a um, iam comunicando a adesão à paralisação junto com declarações de apoio de organizações sindicais e políticas. Não havia dúvida de que em todo o país os trabalhadores expressavam a necessidade da paralisação nacional, rompendo assim quase duas décadas de atomização das lutas dos trabalhadores, dos estudantes e do povo.

A CLASSE OPERÁRIA ENTRA EM CENA

A grande dúvida que tinha o governo sobre o grau de adesão à paralisação foi dissipada logo nas primeiras horas da manhã, quando a TV mostrava uma interminável fila de táxis cortando uma das principais vias de acesso ao centro da capital.

A repressão não se fez esperar. O movimento foi duramente reprimido e heroicamente defendido pelos principais atores deste dia: os trabalhadores. Organizados em seis colunas espalhadas por distintos pontos da cidade, integradas por trabalhadores da saúde, professores, funcionários públicos e de empresas privadas, os trabalhadores resistiram às ameaças de demissões e represálias e aderiram à paralisação.

Estimulados pelas notícias que vinham da região do cobre, onde as estradas de acesso às minas foram fechadas, crescia a paralisação em todo país. A TV mostrava escolas vazias, uma adesão de 80% dos professores e 100% dos alunos; nos hospitais a adesão foi de 80% e nos postos de saúde, 100%, apenas casos de urgência eram atendidos. Na vanguarda da greve esteve o transporte público, com uma adesão de 100% no decorrer do dia. Também os funcionários públicos aderiram massivamente, apoiados pela população.

Ao cair da tarde um panorama desolador se abatia sobre o centro da capital, quando os manifestantes, apesar da brutal repressão, tentavam romper o cerco policial que impedia que as marchas chegassem até a sede da CUT.

A polícia utilizou carros "lança água", bombas de gás lacrimogêneo, tornando irrespirável o centro de Santiago. Tudo isso para impedir que as marchas convergissem até a sede da CUT. No entanto, mais de dez mil trabalhadores romperam o cerco e, depois de três horas de luta com a polícia, chegaram à sede da Central para protestar contra o governo, como há décadas não se via no Chile.

Apesar da coalizão eleitoral que sustenta o governo, *Pacto dos partidos pela democracia*, ter afirmado que esta não era uma luta contra o governo, ela foi uma grande paralisação contra o governo e os empresários que estão entregando o país ao imperialismo e aplicando os planos do FMI. Foi uma paralisação histórica, sendo os trabalhadores seu principal motor e refletindo o desgaste do governo Lagos. ■

É necessário um plano de lutas

A paralisação de 13 de agosto foi um grande triunfo dos trabalhadores, mas é necessário garantir sua continuidade para derrotar os planos de ataque do governo Lagos contra a classe trabalhadora. É preciso um plano de mobilização que dê continuidade à luta por trabalho, em defesa da educação pública e do direito à saúde em vias de privatização.

Os trabalhadores demonstraram sua disposição de luta criando organizações pela base. Porém, apesar da resposta positiva da base, tanto no terreno da luta como no da organização, a direção da CUT não faz nenhuma proposta de continuidade.

O governo do Chile é um dos mais fiéis capachos do imperialismo na América Latina. Recentemente assinou um acordo de "livre comércio" com os EUA, preparando a entrada na Alca. A unificação das lutas não está garantida e há o risco de que a unificação conquistada no dia de paralisação não se traduza na continuidade deste processo.

O ***Movimento pelo Socialismo*** **(MPS)** lutará por um plano de lutas, apoiado nas organizações de base surgidas no calor da mobilização e exigirá da direção da CUT que apoie-se na base e chame a unificação das lutas para derrotar o governo e os planos do imperialismo.

Resistência abala projeto do imperialismo no Iraque

JOSEF WEIL,
especial para o **Opinião Socialista**

Quando fechávamos esta edição, um carro bomba destruiu a sede da ONU em Bagdá, matando o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, máxima autoridade desta organização no Iraque. Apesar de Bush tentar convencer o mundo de que a situação no Iraque está sob controle, a explosão do gasoduto e agora da sede da ONU - que reconheceu o governo fantoche criado pelos EUA - demonstra que a resistência segue viva.

As ações da guerrilha já deixaram mais de 60 mortos em combates e 70 em "acidentes", espalhando um clima de quase pânico nas tropas. Soldados deram entrevistas denunciando seus superiores por não estarem a par do que realmente acontece no Iraque pois estão *"em seus gabinetes refrigerados"*.

Mas o que mais apavora os responsáveis pelas forças imperialistas é que existe um amplo apoio popular às ações contra a ocupação. Em meio ao calor de 50º, empresas norte-americanas que saqueiam o petróleo são incapazes de garantir a energia ou o serviço de água e esgotos. A falta de combustível, o desemprego de milhares e a prisão de civis têm levado à indignação popular.

O FANTASMA DO VIETNAM

A fraude sobre as "armas de destruição massiva" gerou o desgaste de Bush que solapa a justificativa para manter a ocupação: o apoio à guerra caiu de 86 para 54% nos EUA. Familiares organizam protestos exigindo a volta dos soldados e criaram a rede *Bring them home now* (traga-os para casa agora) com centenas de adesões.

A combinação entre guerrilha no Iraque e protestos nos EUA levou Rumsfeld a responder às comparações com o Vietnam: *"É um lugar diferente"*.

O sonho de Bush de posar como o libertador do Iraque está se transformando num pesadelo. ■

FOTO MARTIN S. GARCIA

Dulce Muniz: 30 anos no palco e na luta pelo socialismo

Em meio ao corre-corre do teatro, Dulce e eu nos sentamos em uma das mesinhas do bar no Espaço dos Sátiros. Ela acaba de ser indicada ao Prêmio Shell de melhor atriz por sua atuação em Antígona, de Sófocles. Atriz há 30 anos, ajudou a construir o PT e hoje está no PSTU

POR CILINHA GARCIA,
especial para o **Opinião Socialista**

Qual a importância do Prêmio Shell?

É o prêmio mais importante do teatro brasileiro, e funciona como o reconhecimento do trabalho. Eu sempre tive uma carreira muito marcada por uma opção política clara e o papel pelo qual fui indicada é muito pequeno. É claro que apliquei toda a experiência dos meus 30 anos de trabalho nesse espetáculo, que foi muito bem dirigido pelo Rodolfo, também indicado para o Shell.

Então, foi uma surpresa a indicação?

Sim. Primeiro, por minha trajetória política; depois, porque o espetáculo faz uma menção clara a essa hecatombe que é o império americano mandando no mundo e também porque fazemos menção a Heleny Guariba, que participou da luta armada e foi assassinada pelo Exército no Araguaia. Até hoje seu corpo não apareceu. Ela foi minha professora de teatro.

Você militou muitos anos no PT. Quando resolveu sair?

Na campanha da Erundina, em 88. Senti que o partido estava se burocratizando e abandonando suas primeiras bandeiras. Em 1989 eu ainda participei da campanha do Lula, organizei o encontro dele com os artistas e depois saí definitivamente. Ele continua com a mesma política do FHC, privatizando tudo e agora quer privatizar a cultura. Infelizmente, esse também é um governo do capital, não dos trabalhadores, e nós vamos ter como sempre de lutar, lutar, lutar... na perspectiva de uma outra sociedade. Eu, que sou socialista, digo: acho que nunca foi tão clara a necessidade de organização para que possamos construir uma sociedade socialista.

Desde janeiro há um Movimento de Oposição no Sindicato dos Artistas.

A Oposição à diretoria do Sated é algo que vem me corroendo por dentro há algum tempo. Eu me dei conta de que há 18 anos que a mesma pessoa preside o Sindicato. Eu não acredito nisso. Eu não acho que a construção das coisas passa por uma única pessoa.

E por que não dar as costas ao Sated, que está tão desprestigiado?

As entidades são representativas dos trabalhadores e se a gente não tiver nem isso, nós não vamos conseguir nos levantar. Quando você não tem algo que a represente, as categorias vão desaparecendo, vão sendo cada vez mais cooptadas por aquilo que há de pior. O Sindicato tem de ser recuperado, temos de descobrir uma forma nova de os artistas se organizarem e participarem politicamente.

Por que você foi presa?

Sob o governo Médici, eu participava do Partido Operário Revolucionário Trotskista. No 1º de Maio, nós fomos a um ato público na Zona Leste. Havia a luta armada, e para nós, do PORT, a luta armada naquele momento não era a saída. O Marighella já tinha morrido, as prisões estavam abarrotadas. Então, fomos ao ato no estádio Vila Maria Zélia, numa tentativa de nos aproximar e ajudar a construir um movimento de massas contra a ditadura. A polícia descobriu e cercou tudo. O Olavo Hansen, dirigente da minha célula, disse para sairmos por trás, mas não houve jeito. Fomos todos presos.

Vocês foram levados para o Dops? Você foi torturada?

Primeiro para o Batalhão Tobias de Aguiar, depois para o QG da Polícia Militar, depois levaram a gente pra Oban e pro Dops, onde fiquei 15 dias.

Não fui torturada fisicamente. O Olavo apanhou muito e morreu. Por isso nos soltaram. Jogaram o corpo por uma janela, dizendo que ele havia ingerido veneno, porque ele era operário químico. Mas era mentira. Então, fomos soltos e ficamos assinando o livro. Tinha de ir toda segunda-feira no Dops assinar o livro de presença.

Você já fazia teatro, nessa época?

Eu tinha feito o curso do Arena e já trabalhava como atriz profissional, com o Augusto Boal. Depois ele também foi preso e, quando saiu, exilou-se.

Dulce Muniz faz o papel de Tirésias em Antígona, de Sófocles. A peça, dirigida por Rodolfo Garcia Vasquez, fica em cartaz até outubro, no Espaço dos Sátiros, em São Paulo (Praça Roosevelt, 214 - Metrô República)

AQUI VOCÊ ENCONTRA O PSTU

■ **SEDE NACIONAL**
R. Loefgreen, 909
Vila Clementino São Paulo - SP
(11) 5575.6093 *pstu@pstu.org.br*

ALAGOAS

■ **MACEIÓ**
R. Pedro Paulino, 258 - Poço
(82) 336.7798 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

■ **MACAPÁ**
Rua Prof. Tostes, 914 - Santa Rita
(96) 9963.0775 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

■ **MANAUS**
R. Emílio Moreira, 801- Altos - 14 de Janeiro - (92)234.7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

■ **SALVADOR**
R.Coqueiro de Piedade, 80
Barris (71)328.7280
salvador@pstu.org.br

■ **ALAGOINHAS**
R. 13 de Maio, 42 - Centro
alagoinhas@pstu.org.br

CEARÁ

■ **FORTALEZA**
fortaleza@pstu.org.br

CENTRO
Av. Carapinima, 1700 - Benfica

BARRA
Rua Tulipa, 250 - Jardim Iracema

GRANJA PORTUGAL
Rua Taquari, 2256

MARACANAÚ
Rua 1, 229 - Cj. Jereissati1

DISTRITO FEDERAL

■ **BRASÍLIA**
Setor Comercial Sul - Quadra 2 - Ed. Jockey Club - Sala 102
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

■ **VITÓRIA**
Av. Princesa Isabel, 15 - Ed. Martim de Freitas, 1304 -Centro

GOIÁS

■ **GOIÂNIA**
R. 242, Nº 638, Qda. 40, LT 11, Setor Leste Universitário - (62)261-8240 *goiania@pstu.org.br*

MATO GROSSO

■ **CUIABÁ**
Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon (65)9956.2942 9605.7340

MARANHÃO

■ **SÃO LUÍS**
(98)276.5366 / 9965-5409 -
saoluis@pstu.org.br

MINAS GERAIS

■ **BELO HORIZONTE**
bh@pstu.org.br

CENTRO
Rua da Bahia, 504 - sala 603 - Centro (31)3201.0736

CENTRO - FLORESTA
Rua Tabaiares, 31 - Floresta
(Estação Central do metrô)
(31)3222.3716

BARREIRO
Av. Olinto Meireles, 2196 sala 5
Praça da Via do Minério

■ **CONTAGEM**
Rua França, 532/202 - Eldorado

■ **JUIZ DE FORA**
Av. Barão do Rio Branco, 3008 - bloco C - ap. 301
(32) 9965.1240 9966.1136

■ **UBERABA**
R. Tristão de Castro, 127 -
(34)3312.5629
uberaba@pstu.org.br

■ **UBERLÂNDIA**
R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

■ **BELÉM**
belem@pstu.org.br

SÃO BRÁS
Av. Gentil Bittencourt, 2089 -
(91)259.1485 -

ICOARACI
Conjunto da COHAB, Trav. S1, nº 111- (91) 9993.5650 / 227.8869

■ **CAMETÁ**
R. Cel. Raimundo Leão, 925 Centro

PARAÍBA

■ **JOÃO PESSOA**
R. Almeida Barreto, 391 -
1º andar - Centro - (83)241-2368
- *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

■ **CURITIBA**
R. Alfredo Buffren, 29/4, Centro

PERNAMBUCO

■ **RECIFE**
R. Leão Coroado, 20 - 1º andar - Boa Vista - (81)3222.2549 -
recife@pstu.org.br

PIAUÍ

■ **TERESINA**
R. Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

■ **RIO DE JANEIRO**
rio@pstu.org.br

PRAÇA DA BANDEIRA
Tv. Dr. Araújo, 45 -
(21)2293.9689

CAMPO GRANDE
Estrada de Monteiro, 538/Casa 2

■ **DUQUE DE CAXIAS**
R. das Pedras, 66/01, Centro

■ **NITERÓI**
R. Dr. Borman, 14/301 - Centro
(21)2717.2984 *niteroi@pstu.org.br*

■ **NOVA IGUAÇU**
R. Cel. Carlos de Matos, 45 Centro

■ **VOLTA REDONDA**
Rua Peri, 131/2 - Eucaliptol

RIO GRANDE DO NORTE

■ **NATAL**
CIDADE ALTA
R. Dr. Heitor Carrilho, 70
(84) 201.1558

ZONA NORTE
Av. Maranguape, 2339
Conj. Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

■ **PORTO ALEGRE**
R. General Portinho, 243
(51) 3286.3607 -
portoalegre@pstu.org.br

■ **BAGÉ**
Rua do Acampamento, 353 - Centro - (53) 242.3900

■ **CAXIAS DO SUL**
Rua do Guia Lopes, 383, sl 01
(54) 9999.0002

■ **GRAVATAÍ**
Rua Dr. Luiz Bastos do Prado, 1610/305 Centro (51) 484.5336

■ **PASSO FUNDO**
XV Novembro, 1175 - Centro -
(54) 9982-0004

■ **PELOTAS**
Rua Santa Cruz, 1441 - Centro -
(Próximo a Univ. Católica)
(53)9126.7673 *pelotas@pstu.org.br*

■ **RIO GRANDE**
(53) 9977.0097

■ **SANTA MARIA**
(55) 9989.0220 -
santamaria@pstu.org.br

■ **SÃO LEOPOLDO**
Rua João Neves da Fontoura,864
Centro 591.0415

SANTA CATARINA

■ **FLORIANÓPOLIS**
Rua Nestor Passos, 104 Centro
(48)225.6831 -
floripa@pstu.org.br

SÃO PAULO

■ **SÃO PAULO**
saopaulo@pstu.org.br

CENTRO
R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11)3313.5604

ZONA LESTE
Av. São Miguel, 9697
Pça do Forró - São Miguel
(11) 6297.1955

ZONA OESTE
Av. Corifeu de Azevedo Marques, 3483 Butantã -
(11)3735.8052

ZONA NORTE
Rua Rodolfo Bardela, 183
(tv. da R. Parapuã,1800)
Vila Brasilândia

ZONA SUL
SANTO AMARO
R. Cel. Luis Barroso, 415 -
(11)5524-5293

CAMPO LIMPO
R. Dr. Abelardo C. Lobo, 301 - piso superior

■ **BAURU**
R. Cel. José Figueiredo, 125 - Centro - (14)227.0215-
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.kit.net

■ **CAMPINAS**
R. Marechal Deodoro, 786
(19)3235.2867-
campinas@pstu.org.br

■ **CAMPOS DO JORDÃO**
Av. Frei Orestes Girard, 371 sala 6 - Bairro Abernéssia
(12)3664.2998

■ **EMBU DAS ARTES**
Av. Rotary, 2917 sobreloja
Pq. Pirajuçara
(11) 4149.5631

■ **FRANCO DA ROCHA**
R. Washington Luiz, 43
Centro

■ **GUARULHOS**
R. Miguel Romano, 17 - Centro
(11) 6441.0253

■ **JACAREÍ**
R. Luiz Simon,386 - Centro
(12) 3953.6122

■ **LORENA**
Pça Mal Mallet, 23/1 - Centro

■ **MAUÁ**
(11) 6761.7469

■ **OSASCO**
R. São João Batista, 125

■ **RIBEIRÃO PRETO**
R. Saldanha Marinho, 87
Centro - (16) 637.7242
ribeiraopreto@pstu.org.br

■ **SANTO ANDRÉ**
R. Adolfo Bastos, 571
Vila Bastos

■ **SÃO BERNARDO DO CAMPO**
R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11)4339-7186
saobernardo@pstu.org.br

■ **SÃO JOSÉ DOS CAMPOS**
sjc@pstu.org.br

VILA MARIA
R. Mário Galvão, 189
(12)3941.2845

ZONA SUL
Rua Brumado, 169 Vale do Sol

■ **SOROCABA**
Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho

■ **SUMARÉ**
Av. Principal, 571 - Jd. Picemo I

■ **SUZANO**
Av. Mogi das Cruzes,91 - Centro
(11) 4742-9553

■ **TAUBATÉ**
Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

■ **ARACAJU**
Pça. Promotor Marques Guimarães, 66 A, cjto. Augusto Franco - Fonolândia *aracaju@pstu.org.br*

NA INTERNET

www.pstu.org.br
www.litci.org